

# TRANSIÇÃO ENERGÉTICA, UM MOVIMENTO IRREVERSÍVEL

Os desafios da chamada “transição energética” impõem-se aos Estados e às organizações de uma forma inevitável e a um ritmo muito acelerado.

Estamos perante uma verdadeira revolução onde a urgência ambiental e as necessidades socioeconómicas se aliam a uma transformação tecnológica e digital sem precedentes, impondo uma dinâmica de verdadeira transformação transversal a todos os sectores económicos.

Na União Europeia, o Pacto Ecológico Europeu (*Green Deal*) é o motor para a Transição Energética assente numa recuperação económica ambientalmente sustentável – a *Green Recovery*. A fasquia é alta. A União Europeia anunciou a ambição de se transformar num continente “l” em 2050, transformando a UE numa economia moderna e competitiva, com uma gestão eficiente de recursos e menor dependência energética.



**ANA LUÍSA DE SOUSA**

---

SÓCIA RESPONSÁVEL DA  
ÁREA DE ENERGIA & RECURSOS  
NATURAIS DA VDA

O primeiro e mais visível passo é a imposição de uma redução drástica do uso de combustíveis fósseis, o que impõe por si só uma mudança de paradigma no sector dos transportes e mobilidade e uma pressão exponencial no aumento de produção de energias de fonte renovável. Os custos associados à descarbonização da economia são elevados e o processo não é isento de preocupações que têm de ser acauteladas.

Em primeiro lugar, há que ter presente que o abandono dos combustíveis fósseis não é acompanhado por uma redução das necessidades energéticas. Pelo contrário, a descarbonização da economia importará por si só um aumento da eletrificação nos processos produtivos, nas infraestruturas, nos transportes e na habitação. Ao que se junta ainda o consumo significativo de energia associado às tecnologias Big Data e Inteligência Artificial.

Um segundo aspeto a ponderar é a segurança do abastecimento num sistema de produção assente em fontes renováveis e, por isso, dependente de condições atmosféricas. A promoção da produção de energia de fonte renovável terá de ser complementada por soluções tecnológicas que possibilitem infraestruturas de armazenamento de maior escala, reforçando-se a capacidade de resposta do sistema elétrico.

---

# OPINIÃO

---

Por último, terá de ser feito um investimento significativo na digitalização e implementação universal de redes inteligentes que funcionarão como o principal catalisador da gestão eficiente dos consumos, permitindo uma maior flexibilidade dos sistemas e o estabelecimento de mercados dinâmicos e integrados.

Tendo em conta os desafios que se colocam, o caminho da transição energética terá de se apoiar, a par com a contínua aposta na promoção da produção de energia de fonte renovável, em dois novos pilares: a produção descentralizada e o hidrogénio verde.

A produção descentralizada de energia, ao aproximar a produção e o consumo, reduz a pressão sobre as infraestruturas de redes e o custo com o reforço dessas infraestruturas, ao mesmo tempo que torna o sistema mais resiliente pela redução da dependência dos sistemas centralizados.

Neste âmbito, a crescente oferta de soluções de auto-consumo acessíveis associadas a um desenvolvimento das comunidades de energia (onde produtores-consumidores partilham infraestrutu-

ras com outros consumidores em relação de vizinhança) permitirá reduzir os custos do investimento para dar resposta às necessidades de consumo, ao mesmo tempo que permite combater assimetrias regionais e a pobreza energética.

Não obstante a aposta clara na produção descentralizada, o hidrogénio verde tem vindo a ser apontado como o motor central desta transição energética, apresentando-se como a verdadeira alternativa aos combustíveis fósseis ao produzir gás de origem renovável e permitir ao mesmo tempo soluções de armazenamento que sirvam a segurança do abastecimento e a promoção de outros combustíveis de base renovável (como é o caso dos combustíveis sintéticos para o setor dos transportes marítimos e aviação).

Esta premissa veio a ser reforçada com a presente crise energética e a subida do preço do gás natural, confirmando que a médio prazo não só o hidrogénio verde será competitivo no mercado como essencial à independência energética da Europa.

Neste âmbito, Portugal destaca-se mais uma vez como

o “bom aluno” e tem vindo a assumir a liderança da chamada fileira do hidrogénio, posicionando-se como um dos países europeus que se propõe a ser exportador de hidrogénio verde para a Europa. De acordo com o Estratégia Nacional de Hidrogénio, Portugal pretende atingir até 2030 uma capacidade instalada de eletrolisadores na ordem dos 2 GW e garantir, no horizonte 2050, a descarbonização total da rede de Gás Natural e das centrais elétricas.

Portugal está a dar os primeiros passos neste longo caminho. O projeto H2Sines obteve um financiamento comunitário de 40 milhões de euros e já foi submetida uma primeira candidatura de projetos de produção de hidrogénio verde ao estatuto de Projeto Importante de Interesse Europeu Comum (IPCEI) junto da Comissão Europeia, tendo em vista a obtenção de fundos comunitários significativos. Nesta primeira ronda foram escolhidos os projetos apresentados pela Bondalti, Fusion Fuel e 1s1Energy, mas outros projetos poderão ser objeto de rondas subsequentes.

Projetos de menor dimensão têm obtido financiamento

# OPINIÃO

européu através de candidaturas ao POSEUR (que em 2021 selecionou 13 projetos no âmbito de um financiamento de 40 milhões de euros). Ao abrigo do Plano de Recuperação e Resiliência, foi lançado recentemente um aviso com candidaturas a apresentar até 31 de janeiro, para atribuição de 62 milhões de euros destinados a projetos de produção de hidrogénio verde. Este é apenas o primeiro de três avisos que ao abrigo do PRR, se prevê atribuírem 185

milhões de euros para a produção de hidrogénio verde.

Pese embora os incentivos aos projetos de produção de hidrogénio, há ainda uma grande incerteza quanto à sustentabilidade destas operações. A confiança necessária à rápida concretização de investimentos de maior escala dependerá da definição de um enquadramento coerente e integrado que clarifique os incentivos à produção e consumo de hidrogénio e promova a

criação de uma cadeia de valor que suporte de forma sustentável esta nova economia do hidrogénio.

O cumprimento das metas ambiciosas que foram definidas colocam-nos grandes desafios que precisam de uma resposta urgente. Estamos certos, porém, que esta transição é ditada por um movimento irreversível, assumido de forma consciente e com um propósito claro que nos conduzirá a um futuro mais sustentável. ■

